

REDAÇÕES 2023



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI

COMVEST

Diretor

JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO

Diretora Adjunta

ANA MARIA FONSECA DE ALMEIDA

Coordenadora Acadêmica

MÁRCIA RODRIGUES DE SOUZA MENDONÇA

Comissão de Seleção das Redações

CYNTHIA AGRA DE BRITO NEVES

DANIELA BIRMAN

LUCIANA AMGARTEN QUITZAU

Secretária de Execução do Projeto

HELOÍSA VIEIRA DA SILVA



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

ORGANIZAÇÃO
COMVEST

REDAÇÕES 2023

VESTIBULAR UNICAMP | VESTIBULAR INDÍGENA

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

R245 Redações 2023 : vestibular Unicamp / organização : Comissão Permanente para os Vestibulares (Comvest). – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2023.
1. Redação. 2. Exame vestibular. 3. Linguística – Coletânea.
I. Universidade Estadual de Campinas. Comissão Permanente para os Vestibulares.

CDD – 469.5
– 378.1664
– 410

ISBN 978-85-268-1599-5

Copyright © by Comvest
Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste livro são de responsabilidade dos autores e das autoras e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a
Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

<i>O novo livro Redações do Vestibular Unicamp</i>	7
--	---

PARTE I

VESTIBULAR UNICAMP 2023

INTRODUÇÃO

<i>Segurança pública e educação antirracista: dois temas, dois gêneros discursivos</i>	13
--	----

PROPOSTA 1	23
------------------	----

PROPOSTA 2	27
------------------	----

EXPECTATIVAS DA BANCA

PROPOSTA 1	31
------------------	----

PROPOSTA 2	34
------------------	----

REDAÇÕES DOS CANDIDATOS

PROPOSTA 1	39
------------------	----

PROPOSTA 2	75
------------------	----

PARTE II
VESTIBULAR INDÍGENA UNICAMP 2023

INTRODUÇÃO

*A diversidade indígena e o ingresso na Unicamp:
uma troca plural de saberes e aprendizagens* 109

PROPOSTA 1 119

PROPOSTA 2 123

EXPECTATIVAS DA BANCA

PROPOSTA 1 127

PROPOSTA 2 128

REDAÇÕES DOS CANDIDATOS

PROPOSTA 1 131

PROPOSTA 2 139

APRESENTAÇÃO

O NOVO LIVRO *REDAÇÕES*
DO VESTIBULAR UNICAMP

*José Alves de Freitas Neto*¹

*Márcia Mendonça*²

O livrinho cresceu e foi rebatizado de *Redações*. Esta edição, de cara nova, apresenta uma novidade: pela primeira vez na história da Comvest, a publicação traz também textos do Vestibular Indígena, exibindo um potente mosaico das produções escritas na edição 2023 de acesso à Unicamp. Mais uma vez, apresentamos o público com o resultado de um processo de curadoria: não são os melhores textos entre todos os produzidos no ano de 2023; também não são os únicos textos de qualidade elaborados. Todos, decerto, são bons textos produzidos no contexto do ingresso na Unicamp, que merecem ser conhecidos por muitas pessoas.

Desde 2017, a Unicamp vem ampliando as possibilidades de ingresso nos seus cursos: cotas étnico-raciais, ingresso de medalhistas em olimpíadas de conhecimento, edital Enem, Vestibular Indígena. A primeira edição para o ingresso de indígenas brasileiros na universidade aconteceu em 2019, num processo que contou com 610 inscritos. Ao longo de cinco

¹ Diretor da Comvest.

² Coordenadora acadêmica da Comvest.

edições, o Vestibular Indígena foi construindo a sua identidade e alcançando ainda mais estudantes de diversas etnias. A partir de 2022, ele também passou a selecionar os estudantes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e, na edição de 2023, atingiu a importante marca de 3.480 inscritos, quando foi aplicado em quatro estados brasileiros: Amazonas, Mato Grosso do Sul, Pernambuco e São Paulo.

Essas oportunidades de acesso propiciaram a convivência universitária de um conjunto muito diversificado de pessoas nos *campi*, de tal modo que as experiências de cada um se agregam à coletividade e são impactadas por esse mosaico de saberes que hoje fica cada vez mais visibilizado. De fato, a chegada de estudantes das mais diversas etnias e regiões do Brasil e dos mais diversos contextos socioculturais aos *campi* da Unicamp possibilitou aprendizagens fundamentais a toda a comunidade universitária e trouxe desafios que o corpo docente, o corpo discente e a universidade como um todo devem enfrentar.

Esta coletânea busca ser mais um dos tantos espaços universitários em que *se dá a conhecer*. As propostas da prova, ao mesmo tempo que servem para o processo seletivo, revelam o perfil de estudante desejado(a) para a universidade e, ainda, os princípios caros à instituição, com temas que remetem, essencialmente, ao papel social da universidade: valorização da ciência, respeito aos direitos humanos e busca por uma educação de excelência acadêmica e eticamente comprometida. Os textos produzidos também dão a conhecer diversas dimensões da formação dos candidatos em escrita e em leitura: a diversidade de percursos escolares e seus vestígios na produção de texto, a constituição das subjetividades e os pontos de vista materializados em projetos de texto. Tais dimensões estão envolvidas no “saber escrever”, este que é, muitas vezes, erroneamente compreendido como técnica neutra re[a]plicável para formatar “receitas textuais”.

O processo de curadoria desta coletânea levou em conta a qualidade da escrita, claro, esta tomada como *ação situada*. Mesmo na situação do exame seletivo do vestibular, induz-se os sujeitos a avaliar a situação descrita na proposta, ler os textos da prova e tomar decisões para organizar seu *projeto de texto*. A curadoria deste livro *Redações* também considerou a perspectiva de montar um acervo, uma *coleção* de escritos do ano.

Assim, em 2023, as redações aqui reunidas foram escolhidas como um conjunto representativo de produções escritas no contexto do Vestibular Unicamp e do Vestibular Indígena. Essa representatividade diz respeito não apenas ao atendimento da tarefa, mas, muito especialmente, às múltiplas dimensões nela envolvidas, como as capacidades de: a) realizar uma leitura *produtiva* dos textos da prova; b) configurar o texto no gênero solicitado; c) construir um projeto de texto relevante para o contexto de escrita descrito no enunciado; d) articular informações e argumentos em benefício de um *querer-dizer* do enunciador. Parece complexo (e talvez o seja), mas é o que fazemos em todas as situações de escrita, desde as mais simples até as mais complexas. O Vestibular Unicamp e o Vestibular Indígena, portanto, mobilizam essa concepção de escrita como prática situada na elaboração de suas provas de redação.

Convidamos vocês, leitoras e leitores, a conhecer as convocações aos moradores do bairro, os depoimentos dados ao projeto antirracista da escola, os artigos de opinião em um *site* local e as cartas abertas endereçadas ao Congresso Nacional e à população. E esperamos que eles reverberem discursos fundamentados, coerentes e potentes, vindos de corpos e mentes que colaboram para uma educação antirracista, que agem e congregam a comunidade contra ameaças à vida, que se posicionam para defender suas identidades e que convocam o poder legislativo para defender a Amazônia – tudo isso, em práticas sociais de linguagem.

PARTE I
VESTIBULAR UNICAMP 2023

VESTIBULAR UNICAMP 2023

INTRODUÇÃO

SEGURANÇA PÚBLICA E EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA: DOIS TEMAS,
DOIS GÊNEROS DISCURSIVOS

*Cynthia Agra de Brito Neves
Daniela Birman*

Selecionamos para este livro 30 redações que se destacaram na prova do Vestibular Unicamp 2023. Tais redações permitem constatar que os candidatos responderam de modo bastante competente às tarefas de *leitura e escrita* exigidas pela prova: leram o enunciado da proposta, as instruções dos itens *a*, *b* e *c*, e a coletânea de textos ali oferecidos; em seguida, escreveram seu texto no *gênero discursivo* que foi solicitado e de acordo com o seu *projeto de texto*.

Nota-se, portanto, que não há fórmulas nem modelos a serem seguidos, já que cada texto é um texto, bem planejado e redigido, embora não irretocável. O que a prova de redação do Vestibular Unicamp avalia a cada ano é a capacidade de o estudante ler *global e criticamente* os textos da prova e escrever a respeito do tema que lhe foi proposto no *gênero de texto* solicitado. Este ano não foi diferente.

Em 2023, o Vestibular Unicamp dispôs aos candidatos duas propostas de texto para que escolhessem uma para produzir. Caso escolhessem a **Proposta 1**, deveriam se colocar na situação

de alguém que toma a iniciativa de escrever um *texto de convocação, injuntivo e argumentativo*, para uma reunião com a associação de moradores do seu bairro, cuja pauta deveria focar as providências a serem tomadas com relação à abertura de um *clube de tiro* na vizinhança. Nesse *texto de convocação*, os candidatos, então enunciadore-habitantes dessa comunidade, deveriam, necessariamente, destacar os perigos que envolvem a existência de um *clube de tiro* nas redondezas, argumentar contrariamente à posse ou ao porte de armas de fogo e, de modo ainda mais amplo, criticar uma política de segurança pública baseada no armamento da população brasileira.

As 15 redações da **Proposta 1** apresentadas neste livro atenderam prontamente a essas tarefas apontadas no enunciado de maneira bastante persuasiva, como é possível conferir mais adiante. Os candidatos assumiram a *máscara discursiva* de um(a) morador(a) de um certo bairro (*Santana, da Figueira, Jd. Campineiro, de Araras, Carolina Maria de Jesus, Brasil, Jd. da Paz, da Esperança, Vila Esperança*), que perdeu uma amiga (*de infância ou de escola ou melhor amiga*) da vizinhança (*Maria Clara, Amanda, Ana, Adriane da Silva, Ana Sá, Daniela, Maria de Souza, Maria*), vítima de uma bala “perdida” disparada por um CAC (Caçador, Atirador ou Colecionador).

Esse(a) morador(a) (que pode ou não ser membro de uma associação) ora convoca a associação de moradores do seu bairro (uma delas tem até nome: *AMJM – Associação de Moradores do Jardim Mirandópolis*), ora convoca diretamente sua comunidade, em nome da associação da qual faz parte, para uma reunião urgente. Em ambos os casos, a preocupação é a mesma: interditar a inauguração de um *clube de tiro* na vizinhança, tal como propõe a situação de produção dada.

Além da preocupação em nomear o bairro, a amiga assassinada e a associação de moradores, alguns candidatos também optaram por batizar, ironicamente, os *clubes de tiro* como: “Guns”, “Clube de Tiro Messias”, “Clube de Tiro Jair”. Outros, ainda, fizeram questão de registrar em seus textos marcas formais comuns ao gênero solicitado, como o uso do vocativo, o agendamento de local, dia e hora da reunião. Esses detalhes somam-se à força argumentativa das redações aqui selecionadas, que reprovam veementemente a abertura “*insensível e hipócrita*” de um clube de tiro (“*uma cultura perversa de lazer com base na violência*”), pois, “*embora a abertura de clubes de tiro seja um empreendimento benéfico para o setor econômico da indústria armamentista, o seu lucro não justifica a ameaça à integridade das pessoas*” (leitura do texto 1 da coletânea), e, desse modo, “*apoiar esse projeto é ignorar as estatísticas e pôr em risco todo o coletivo*”.

Nessa lógica, rejeitam também a posse e/ou o porte de armas autorizados aos CACs pelos Decretos Federais n. 9.846/2019 e n. 10.627/2021, leis que são “*fruto de um (des)governo iniciado em 2018*” e que “*apenas trazem efeitos deletérios à população*”. “*Durante todo o seu mandato, o atual presidente fomentou o discurso de que andar armado deveria ser a forma de defesa do ‘cidadão de bem’*”; no entanto, “*espero que ninguém acredite no mito de que o porte de armas de fogos contribui para a defesa pessoal. Pelo contrário, essa política favorece o suicídio, o homicídio, o feminicídio e o aumento do poder das facções criminosas do país*” (leitura do texto 3 da coletânea), como, por exemplo, o PCC (Primeiro Comando da Capital), citado por muitos, que “*tem conseguido adquirir armas de fogo a partir de vias legais em função de políticas que facilitam o acesso a armas para CACs*” (leitura do texto 5 da coletânea).

As redações, apoiadas na leitura dos textos 2, 3 e 4 da coletânea, alertam para a falta de segurança gerada pela circulação de CACs na vizinhança, pois sabem que “o maior acesso a armas de fogo está associado, na verdade, ao aumento da violência”; afinal, “os números não mentem. Maria, agora morta, não mente”. E reconhecem o perigo de “balas perdidas” ou “disparos acidentais” que “acabam encontrando alvos padronizados, compostos principalmente por pessoas negras”. Por isso se revoltam: “Vocês imaginam isso? Dezenas de moradores transitando com fuzis e revólveres pelas calçadas!?”; “Isso é um absurdo! [...] colecionar objetos que tiram vidas?”; “Não vamos nos calar!?”; “Em prol das vidas!?”; “Venha defender nosso bairro!?”; “Não nos deixemos virar estatística!”.

Como conclusão, partem da leitura do texto 5 da coletânea para defender que “a posse de uma arma de fogo não é suficiente nem eficiente no combate à criminalidade” e que “armar a população brasileira é o mesmo que lhe dar vias de fazer justiça com as próprias mãos”. Trata-se de “uma política que ‘terceiriza’ a segurança pública e, equivocadamente, confere à população a responsabilidade de sua autodefesa”. Tal política, ao contrário, “torna muito mais difícil à polícia desempenhar seu ofício de [nos] proteger [...], já que o embate entre organizações criminosas e polícia se torna mais violento conforme seu poder bélico se equipara”. Desse modo, de nada adianta “melhora da estrutura e da informatização policial” se o “crescente porte de armas populacional” não for cessado. Nossa obrigação é, portanto, “combater, localmente, a política armamentista desse governo federal para evitar que novas ‘Anas’ sofram as consequências dessa irresponsável ‘política de segurança pública’”.

Já os candidatos que optassem pela **Proposta 2** deveriam, por sua vez, assumir o papel de um(a) estudante do terceiro ano do ensino médio que escreve, em *primeira pessoa*, um

depoimento para a direção de sua escola, atendendo à solicitação da instituição que lançou um *projeto de educação antirracista*. Nesse *depoimento*, o(a) narrador(a)-personagem deveria declarar como se identifica racialmente, relatar se já testemunhou, cometeu e/ou sofreu algum ato de racismo no colégio e explicar o tratamento dado à diversidade étnico-racial em sua escola. Os textos apresentados na coletânea dessa proposta contribuem para a elaboração de um episódio que denuncie o racismo enraizado no colégio, já que o problema é estrutural e se faz evidente nos conflitos escolares cotidianos, nos currículos, na presença ou na ausência de professores e alunos(as) negros(as) nas escolas, tal como é esmiuçado no enunciado da proposta.

As 15 redações da **Proposta 2** aqui selecionadas demonstram o cumprimento dessas três tarefas. Primeiramente, em seus *depoimentos*, não faltaram autodeclarações de estudantes que se identificaram como negro(a), preto(a), pardo(a), marrom ou branco(a). Nesse sentido, o cenário da sala de aula foi construído revelando um cromatismo contrastante: “*me identifico racialmente como uma pessoa branca*”; “*mesmo sendo negra*”; “*meus colegas negros*”; “*jovem negro, de pele parda*”; “*moreninho*”, “*mulato*”, “*negão*”; “*elite branca*”; “*estudantes negros*”; “*aluno pardo*”; “*aquele preto*”; “*não é preto preto*”; “*pessoas brancas e não brancas*”; “*os brancos*”; “*os negros*”; “*sou branca*”; “*alunos negros*”; “*professores brancos*”; “*como aluna negra*”; “*como estudante negra*”; “*garotas negras*”; “*pessoas negras*”; “*minha amiga negra*”; “*a diretora é branca*”; “*os coordenadores são brancos*”; “*alunos brancos*”; “*minha negritude*”; “*poucas pessoas na instituição [...] serem negras, pardas ou indígenas*”; “*me identifico como branca*”; “*nasci de um pai preto e uma mãe branca. Cresci sendo chamada de nega*”; “*professores não brancos*”, “*profissionais negros*”; “*meus colegas negros*”; “*como aluna preta*” etc.

Não importa se preto ou branco, todos os textos dessa proposta apresentados adiante narraram algum(ns) ato(s) de racismo dentro do colégio: houve aqueles que cometeram “quase sem querer” algum gesto, alguma fala, algum lapso, ou alguma ação racista; houve aqueles que presenciaram e relataram um episódio pontual de violência; houve ainda aqueles que deparavam constantemente com atos de racismo na escola e assim citaram diversos exemplos de injúria ou crime racial que testemunharam; houve, por fim, os que confessaram sofrer racismo, implícita ou explicitamente, na instituição escolar, posto que “*a realidade é que a escola também expressa o racismo estrutural da nossa sociedade*”. Interessante que mesmo aqueles estudantes que relataram, em seus depoimentos, não ter evidenciado um episódio específico de racismo valeram-se da ocasião do *projeto antirracista* lançado pela direção da escola para denunciar casos diversos de racismo estrutural historicamente enraizados ali.

Muitos dos episódios narrados foram inspirados na leitura do texto 3 da coletânea, ou na referência à prática de *bullying* do texto 2, ou mesmo do texto 5, que define a *educação antirracista* como aquela que extrapola a simples ideia de combate a “*ofensas e xingamentos*” no ambiente escolar. Alguns depoimentos relataram ofensas racistas que eram pronunciadas abertamente em sala de aula: “*tinha que ser preto mesmo para dizer isso*”; “*seu neguinho desgraçado*”; “*volta para selva, macaco*”; “*volta para a senzala*”; “*cabelo de bombri!*”; “*cabeça de capacete*”; “*quem aquele preto favelado pensa que é?*”, *ele tem cabelo duro, mas pelo menos não é preto preto*”; “*ele [o cabelo] fica melhor liso, parece mais limpo*”, “*por que você não faz progressiva?*”; “*cabelo tinha ‘cara de sujo’ [...] vários bichos deveriam morar ‘nesse emaranhado feio’*” etc.

Outros relataram situações constrangedoras, como a do caso do surto de piolhos na escola e a instrução da coordenadora

para que os estudantes de cabelos crespos e cacheados os prendessem ou cortassem como forma “segura e higiênica”. Ou mesmo o caso do estudante negro que abriu a porta do armário e encontrou uma banana; ou de uma pedagoga que proibiu um estudante de usar seu obá do candomblé; ou, ainda, o caso de um docente que debochou de sua aluna negra que desejava prestar vestibular para medicina, dizendo-lhe que tal curso não era a “cara dela”.

Além desses relatos de racismo escancarado, houve depoimentos em que os estudantes narraram casos de racismo que, “quando você esgarça, ele pula nas dobras” – nas palavras do texto 2 da coletânea. Foi o caso de textos que, por exemplo, aproveitaram a charge do texto 3 da coletânea e criaram episódios de racismo em torno do *colorismo*, como a situação do lápis “cor de pele”, que não necessariamente remete ao bege, mas que pode ser marrom ou preto. Ou de textos que denunciaram “práticas racistas propagadas nesta escola, como a ausência de toucas e equipamentos de proteção individual, nos laboratórios de ciências, que se adequem a cabelos afro e, também, como as encenações teatrais feitas na disciplina de História do Brasil sempre subjugam os alunos negros a papéis de servos ou escravizados, e nunca com protagonismo”.

Tais relatos, diversificados e surpreendentes, sempre enredados em narrativas verossímeis, muitas vezes funcionavam, para o(a) narrador(a) depoente, como gatilho para a tomada de consciência de que, de fato, “o racismo é, segundo Silvio Almeida, estrutural, sistêmico” e, como tal, não se mostra apenas nos conflitos cotidianos: está infiltrado em todo o sistema escolar, no qual “a igualdade não existe e isso está ‘nas nossas caras’: todos os nossos professores são brancos, enquanto todos os zeladores e faxineiros, negros”. A falta de diversidade étnico-racial, sobretudo nas escolas de “elite branca”, evidencia

esse racismo institucional que se refrata no estrutural, reproduzindo a lógica de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e “o mito de democracia racial”: enquanto “os professores são brancos”, “a diretora é branca”, “os coordenadores são brancos”, os funcionários ocupavam “uma posição subalterna: ocupavam cargos fora da área pedagógica, voltados para manutenção, limpeza e segurança da escola”. Ainda nas palavras dos estudantes depoentes: “Aqui, o negro é visto majoritariamente em posições de servidão, limpando as carteiras, guardando os portões e cozinhando a merenda, enquanto na sala de aula professores brancos discutem feitos, conquistas e obras de homens brancos”; “Vieram à minha cabeça, então, perguntas como: ‘por que a maioria dos profissionais negros desta escola são destinados à limpeza?’”.

A inquietação com os conflitos cotidianos, com a contratação de professores brancos e com a presença rara de estudantes negros nas escolas privadas soma-se à indignação provocada pelo apagamento étnico-racial nos currículos, mesmo após a implementação das leis federais (lei n. 10.639/2003 e lei n. 11.645/2008) apontadas no texto 4 da coletânea. Muitos depoimentos denunciaram esse hiato proposital nos currículos; assim, na perspectiva deles: “temas tocantes à história e à cultura afro-brasileiras e indígenas e ao racismo, apesar de presentes, são tratados com superficialidade e os questionamentos sobre a falta de aprofundamento são respondidos evasivamente, nutrindo e reiterando um ambiente de relativização do racismo”; “[a] inclusão superficial de conteúdos de história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar [é] feita apenas para acatar determinações de uma lei, e não para promover o conhecimento da diversidade etnocultural”; “as matérias de povos africanos, implementadas por lei, serem postergadas até o limite, a ponto de não serem passadas”; “além disso, nossas